

É

bom dizer desde o início que, neste número, a **Revista USP** reuniu um time “literalmente galáctico” da imprensa brasileira, o qual abraçou com certo fervor uma questão bastante polêmica dos nossos dias. Sabe-se que a “pós-verdade” foi eleita em 2016, pela Universidade de Oxford, como a “palavra do ano”. Mas o que é a pós-verdade?

Hoje, qualquer notícia mal apurada ou que contrarie a chamada “doxa” logo é classificada como *fake news*, expressão esta comumente conhecida por “notícia falsa”. Então pós-verdade é uma notícia falsa? Mais ou menos. Para o professor e jornalista Carlos Eduardo Lins da Silva, a quem devemos a organização e coordenação do presente dossiê, *fake news* – e, portanto, pós-verdade – são mais que isso, são “notícias fraudulentas”, ou seja, aquelas notícias publicadas com intenção de dolo, de modo baixo e trapaceiro.

E por que as *fake news* têm ganho tanta tinta da imprensa escrita, das rádios, da TV? Porque são propagadas pelas duas maiores redes sociais de forma diabolicamente impressionante (passe o diabólico, mas é disso que se trata), o Facebook e o Google – eu acrescentaria aí o Twitter e o Instagram, este, um braço do Facebook.

Na verdade verdadeira, se é possível a expressão, *fake news* ou pós-verdade sempre existiram, mas hoje, com a capacidade de viralização das redes sociais, parece que as coisas pertencentes à comunicação perderam o controle. Perderam, sim. Leia tudo no nosso dossiê.

Francisco Costa